

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TEXTOS TÉCNICO E JORNALÍSTICO

*Elisete Maria de Carvalho MESQUITA**

0 - Considerações iniciais

O texto, verbal ou escrito, vem sendo objeto de estudos ao longo de muitos anos, confundindo-se até mesmo com a história da Lingüística. Tais estudos tentam decifrar os vários mistérios e problemas que giram em torno desse assunto.

A partir da grande variedade de pesquisas sobre o **texto**, convergências e divergências sempre estão ocorrendo entre os estudiosos que lidam com tal assunto. A tipologia textual é um desses pontos de discussão. Paredes Silva (1995) lembra que os termos **gênero discursivo** e **tipo textual** podem ser ou não usados como sinônimos, sendo que, hoje, há uma tendência, quase generalizada, em se substituir o primeiro termo pelo segundo, considerado mais neutro.

Neste estudo, tais termos não serão confrontados, mas sim, empregados indistintamente. Não se pretende, porém, aprofundar numa discussão literária de “gênero”, o que, pelo menos no momento, fugiria aos objetivos propostos. Algumas considerações históricas, e, conseqüentemente literárias, sobre a origem desse termo, porém, são inevitáveis. Todorov (1980:46) afirma ser muito difícil esclarecer a origem dos gêneros do discurso, uma vez que o primeiro gênero veio de um outro gênero já existente e

* Doutora pela Universidade Estadual Paulista – (UNESP/CAr).

que esse novo gênero “*é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos.*” A citação desse autor confirma um saber quase intuitivo e natural do estudioso do texto de que os gêneros ou tipos textuais se misturam, apresentando características comuns.

Tentando-se delimitar e classificar os tipos textuais existentes, surgiram e ainda estão surgindo, muito freqüentemente, variadas teorias, as quais se diferenciam e se assemelham em alguns aspectos. Tais teorias, logicamente, ajudam os pesquisadores do texto a lidarem melhor com o seu objeto de estudo.

Apresentam-se a seguir, algumas propostas para uma tipologia textual, que visam a esclarecer algumas das muitas dificuldades encontradas por aqueles que se debruçam sobre o texto.

1- Para uma tipologia textual

Segundo Paredes Silva (1995), é consenso entre os estudiosos que existem dois critérios básicos para a classificação do discurso em diferentes gêneros: **critérios formais/estruturais** e **critérios funcionais**. Embora haja esse acordo entre os pesquisadores, Schiffrin (1994) lembra que há uma grande variedade de rótulos, com os quais se podem designar essas duas vertentes.

Para Paredes Silva (1995), os critérios formais/estruturais estão associados à visão teórica formalista/estruturalista, que toma as relações das unidades constituintes do discurso como independentes das relações funcionais com o contexto. Os critérios funcionais, por seu lado, associados à visão teórica funcionalista, têm o discurso como unidade de língua em uso.

Schiffrin (1994) também apresenta uma proposta para o estudo de uma tipologia textual. De acordo com um

tratamento funcional, a autora distingue as estruturas **textuais/unidades discursivas/tipos de textos das estruturas de informação**. Dentre as unidades discursivas, são destacadas as **narrativas**, que se caracterizam por contar algo que acontece, sendo o *evento* a sua entidade básica e as **listas**, que descrevem uma categoria, sendo a *entidade* a sua unidade básica. As unidades discursivas caracterizam-se por apresentar diferentes estruturas de informação: estrutura temporal, estrutura descritiva e estrutura avaliativa, na primeira, a apresentação dos eventos obedece à ordenação temporal. A segunda é caracterizada pelos predicados estativos e a terceira e última estrutura de informação está relacionada ao grau de subjetividade humana, subjacente à atividade de fala e aos recursos de expressividade.

Pelas propostas apresentadas, percebe-se que todas elas se preocupam com a união dos aspectos formais e discursivos para o sucesso de uma tipologia textual.

Logicamente que se apresentaram apenas algumas das várias propostas existentes para uma tipologia textual. Não se esgotam aqui as possibilidades de discussão dos modelos de tipologias textuais recorrentes em uma história lingüística. Findam-se tais considerações com as palavras de Paredes Silva (1995: 09), as quais definem muito bem o que está sendo discutido, neste estudo, além de serem coerentes com as propostas tanto dos lingüistas textuais, como dos analistas do discurso:

dada a abrangência do tema, dificilmente conseguiremos chegar a um acordo quanto a uma tipologia única. Outros critérios fossem estabelecidos, e, certamente teríamos outras tipologias. Acredito, no entanto, que sem uma teoria do discurso que procure interpretar os aspectos formais e funcionais não se conseguirá avançar muito na análise dos gêneros.

Feitas algumas considerações sobre a tipologia textual, concentram-se as atenções em dois tipos de textos: o **texto técnico** e o **texto jornalístico**.

2 - O texto técnico

Sabe-se que a existência de uma modalidade lingüística eleita mais, ou menos, culta pela elite de uma sociedade acaba por trazer muitos problemas sociais, políticos e lingüísticos. Problemas esses que geram uma série de preconceitos aos representantes das classes lingüísticas menos privilegiadas.

Do mesmo modo que existe preconceito com relação a certos representantes da língua falada, também existe na língua escrita, embora esse seja menos comentado. Trata-se, nesse caso, de tipos textuais mais, ou menos, prestigiados numa dada época de uma dada comunidade lingüística.

Diante dessa afirmação, pergunta-se: que características possuem esses tipos de texto? O que faz que eles sejam discriminados quando comparados à outras modalidades textuais?

Alguns tipos textuais, como o texto técnico e o jornalístico, por exemplo, principalmente o primeiro, são considerados inferiores se comparados ao texto literário, que embora não tenha uma função prática na sociedade, nunca perdeu seu favoritismo. Tal desprestígio não significa, entretanto, que os dois tipos textuais, mencionados acima, não tenham seu lugar garantido na história lingüística e/ou literária de um povo.

A partir desse momento, discutem-se, então, as características no modo de produção desses dois tipos de texto, buscando-se explicações para o fato de eles serem pouco valorizados e, conseqüentemente, pouco estudados dentro do contexto da língua portuguesa brasileira.

No Brasil, são pouquíssimas as pesquisas que se dedicam ao estudo do texto técnico. Dentre essas poucas obras, merece destaque o trabalho de Garcia (2000), que não somente define o texto técnico, como também manifesta sua preocupação com o ensino e a perpetuação desse tipo textual. Esse autor ainda esclarece que são exemplos de composição técnica as correspondências bancárias, os relatórios, os manuais de instrução, as teses e as dissertações. Para um esclarecimento do que possa ser uma produção técnica, Garcia (op. cit:394) recorre à definição apresentada por Margaret Norgaard, que assim compreende o texto técnico:

Redação técnica é qualquer espécie de linguagem escrita que trate de fatos ou assuntos técnicos ou científicos e cujo estilo não deve ser diferente de outros tipos de composição.

As outras poucas obras brasileiras que tratam do texto técnico, de um modo geral, se resumem a uma breve definição desse tipo de texto e a uma apresentação de outras modalidades de texto, que são tidas como subdivisões do texto técnico. A restrição dada a esse assunto parece estar diretamente associada ao fato de o texto técnico ser rotulado de “inferior” ou “menor”.

Chamadoira (1997), autor de uma tese de doutoramento inteiramente dedicada ao tratamento do texto técnico, também manifesta sua preocupação com o desprestígio desse tipo de texto em nossa sociedade. Para ele, as produções de cunho técnico são estigmatizadas devido, entre outros fatores, à exigência de se conhecer o léxico especializado e, fundamentalmente, por elas estarem associadas ao conceito de **trabalho**.

Não se deve ignorar, portanto, que todo e qualquer tipo textual se presta a determinado(s) objetivo(s), desempenhando um papel muito importante no meio em que

é veiculado. Para o desempenho de tal papel, eles contam com suas características intrínsecas, as quais são responsáveis pelo “rótulo” que cada tipo textual carrega. Tais características se evidenciam formal e funcionalmente e são percebidas, de maneira mais ou menos clara pelo leitor/ouvinte. Afinal, todos os tipos de texto têm um público fiel, ao qual se destinam.

Os autores que têm o texto técnico como objeto de estudo concordam que ele apresenta as seguintes características:

- Linguagem monossêmica;
- Vocabulário específico ou léxico especializado;
- Objetividade;
- Emprego de voz passiva;
- Preferência pelo emprego do tempo verbal presente.

As características apontadas acima coadunam-se com o objetivo principal de qualquer produção de cunho técnico: transmissão de conhecimentos de forma clara e imparcial. Embora a objetividade e a neutralidade sejam fiéis parceiras do texto técnico, não se pode afirmar que esse tipo textual seja isento das marcas de seu autor, enquanto produtor de idéias e veiculador de informações. Chamadoira (1997:269) afirma que, quando há a troca da 3ª pessoa do singular pela 1ª pessoa do plural, por exemplo, o autor tem a intenção de conquistar o seu interlocutor, tornando-o um parceiro “na assunção das informações dadas, numa forma de estratégia argumentativa.”

Koch e Fávero (1987) também entendem que todo tipo textual possui a argumentatividade, porém essa aparece de modo mais intenso e explícito em alguns textos e de modo menos intenso e explícito em outros. Para complementar a afirmação dessas autoras, cita-se Benveniste

(1995) para o qual, o sujeito está sempre presente no texto, não havendo, portanto, texto neutro ou imparcial.

Percebe-se, então, que o texto técnico possui características que o diferenciam dos demais tipos de textos. No entanto, não se deve afirmar que ele seja desprovido de marcas autorais. Tanto é verdade, que alguns autores de textos técnicos não dispensam o uso de certos advérbios e conjunções, por exemplo, expedientes que têm a função de modalizar o discurso (Mesquita, 1999).

Nesse sentido, Chamadoira (1997) diz que a modalização, nesse tipo de texto, pode aparecer de forma implícita e/ou explícita. Sob essa última forma, verificam-se o aparecimento de construções específicas, tais como as nominalizações, a voz passiva, o emprego de determinadas conjunções e preposições.

3 - O texto jornalístico

Comparando-se o texto técnico ao texto jornalístico, pode-se dizer que a conotação de tipo textual inferior e utilitário é bem menor nesse último tipo de texto. No entanto, o texto jornalístico ainda conta com uma certa dose de desprestígio, principalmente se sua trajetória, ao longo dos tempos, for analisada.

Diferentemente do texto técnico, o jornalístico parece despertar maior interesse nos pesquisadores, uma vez que não são poucas as obras existentes que têm como ponto de discussão ou como corpus esse tipo de texto. Esse maior interesse pelo texto jornalístico pode estar associado ao fato de dentro desse gênero, estarem inseridos vários outros tipos textuais (crônicas, contos, documentários, etc), que chamam a atenção por apresentarem características distintas e, ao mesmo tempo, formarem um todo que se denomina **gênero jornalístico** ou **tipo textual jornalístico**.

Vasconcelos (1999) define o texto jornalístico como aquele que tem o objetivo de informar a comunidade consumidora sobre o que acontece em seu país e no mundo, procurando-se ser isento a respeito do que se relata.

Essa definição de texto jornalístico apresenta a imparcialidade como um ponto em comum com o texto técnico (item 2). Se essa característica já é difícil de ser mantida nesse último tipo textual, ela é quase que aparente no primeiro, uma vez que se lida com todos os tipos de informação, as quais sempre trazem implícita ou explicitamente a ideologia, as marcas pessoais do autor, no caso, um jornalista.

Os comentários de Vasconcelos (1999) sobre o texto jornalístico assemelham-se muito aos de Guillard (1994), que trata desse tipo de texto destacando a **informatividade**, um dos fatores responsáveis pela textualidade, conforme estudos da Lingüística Textual.

Essa última autora, citando Lage (1990), entende que o texto jornalístico possui caráter específico, na medida em que lida com a informação e a transforma em notícia para o consumo imediato de leitores assíduos ou eventuais.

As obras de natureza jornalística são, indubitavelmente, de interesse real e concreto para os estudiosos da língua, principalmente no momento atual. Talvez pensando-se em tal importância é que criam-se muitos bancos de dados, constituídos, às vezes, exclusivamente da literatura jornalística. O Banco de Dados montado no Centro de Estudos Lexicográficos do Departamento de Lingüística da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara, sob a coordenação do Prof. Dr. Francisco da Silva Borba, por exemplo, possui um corpus composto de cinco tipos textuais diferentes. Fazem parte desse corpus os textos técnico e jornalístico, em evidência neste estudo.

Este corpus de obras denominadas jornalísticas abrange todos os jornais que circulam nas capitais brasileiras, incluindo também revistas como **Manchete** e **Isto É**, além de crônicas e livros documentários. Nesse tipo de texto, então, incluem-se as obras que possuem caráter informativo. O tipo textual jornalístico não é, portanto, homogêneo, como se pôde comprovar, a partir das características do texto técnico, apontadas anteriormente.

4 - Considerações finais

De um modo geral, pode-se dizer que os textos técnico e jornalístico são parecidos, uma vez que ambos procuram transmitir o conhecimento/informação (de natureza diferenciada), de forma neutra, utilizando-se de linguagem clara, objetiva, referencial. No entanto, devido ao caráter heterogêneo do texto jornalístico, a linguagem e os variados efeitos de sentido causados por ela podem fazer com que, em muitas situações, a linguagem adotada perca essa característica. Além do mais, existem vários tipos de informações jornalísticas, das quais, algumas não objetivam, necessariamente, a imparcialidade ou a neutralidade.

Referências Bibliográficas

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 1995.
- CHAMADOIRA, João Batista Neto. *Construindo o texto técnico: linguagem e ensino*. Araraquara, 1997. Tese (doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

- GARCIA, Othon.M. *Comunicação em prosa moderna – aprenda a escrever aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- GUILARDI, Maria Inês. A informatividade no discurso jornalístico. *Letras*, Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, V.13, n. 1 e 2, 01-13, 1994.
- KOCH, Ingedore G.V. & FÁVERO, Leonor L. Contribuição a uma tipologia textual. *Letras e Letras*, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, V.3, n. 1, 03-10, 1987.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1999.
- MESQUITA, Elisete M. de Carvalho. *A modalidade deôntica: um estudo na língua escrita contemporânea do Brasil*. Araraquara, 1999. Dissertação (mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Forma e função nos gêneros do discurso. Artigo baseado em relatório apresentado ao CNPq. Pesquisa de Pós-Doutorado desenvolvida na Universidade de Georgetown, 1995. (processo no. 211042794).
- SCHIFFRIN, Deborah. *Approaches to Discourse*. Cambridge: Blacwell, 1994.
- TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- VASCONCELOS, Sílvia I.C.C.de (org.). *Os discursos jornalísticos: manchete, reportagem, classificados e artigo*. Itajaí: Editora da Univali, 1999.